

## EPISÓDIO 3 - FERAS HUMANAS

### Transcrição

Os trechos em verde indicam áudios que foram gravados em campo

Lucas: voltando de trilha, voltando de um mergulho na praia do Sul, to eu e Gabizinha

Gabi: Oi!

Lucas: É, a gente acordou mais cedo, aproveitou nossa folga pra tentar encontrar a raia-chita em outros momentos.....

Gabi: A gente tava tão determinado a achar essa raia que até na folga a gente ia mergulhar. Dava nem tempo de secar os equipamentos, a gente já tava na água de novo.

Gabi: Nossa o mergulho foi maravilhoso, tava um dia muito bonito. Tava muito sol, a água tava bem transparente. E daí a gente viu uma tartaruga muito grande, uma tartaruga de pente. É, tava super tranquila, a gente conseguiu chegar pertinho

Lucas: E a gente achou na volta, raias! Umas 4 indivíduos de raia-prego, e um indivíduo de raia-manteiga.

Gabi: Sim, elas tavam enterradinhas na areia

Lucas: A gente ficou tipo 1h30 mergulhando, vimo tudo que é bicho. Vi tudo que é peixe diferente, duas espécies diferentes de tartaruga, duas espécies diferentes de raia... Mas nada da raia-chita.

GABI: Nada da raia-chita.

Gabi: Oi pessoal! Aqui é a Gabi Longo

Lucas: e aqui é o Lucas Andrade, e esse é o podcast Sinal de Vida, um podcast sobre o nosso dia-a-dia buscando vidas difíceis de encontrar

Gabi: Nesse podcast, a gente vai te contar tudo o que aconteceu em uma viagem de campo de 30 dias, na Ilha Anchieta. Tudo isso para encontrar uma espécie ameaçada de extinção, a raia-chita.

Gabi: A gente recomenda fortemente que você ouça essa série desde o episódio 1 para entender melhor a história de hoje. E também, se puder usar fone de ouvido, a história fica mais *gostosa* de se ouvir.

---

Lucas: Pra mim não era tão tranquilo, mas essa rotina tava me ajudando a me sentir mais confortável na água, eu tava tentando controlar meu medo

Gabi: Quem vê até pensa que ce é mergulhador, todo na lycra, na nadadeira...

Lucas: É fi, se olhar no instagram parece que eu dou show no mar né... mas não Mas mergulha e mergulha e a chita não da nem sinal de vida...

Gabi: Mas a gente tava chegando mais perto! No dia seguinte, a gente teve uma surpresa boa!

Acordamos cedinho pro trabalho, e começa aquela (des)organização, cada um passando protetor nas costas do outro, enquanto uma está procurando um pedaço de biquíni pendurado na cama de alguém, a outra ta passando fio de carregador de uma lado pro outro, aquele caos gostosinho de se arrumar pro rolê.

Era fim de semana, então a gente tinha que montar a nossa tenda, com os pôsteres sobre a raia-chita e sobre o projeto, pra conversar com quem colasse ali na praia. O dia tava maravilhoso!

Lucas: É, e isso significa que a Ilha ia ficar lotada né...

Gabi: Sim! Eu tava na praia do Sul, e logo começou a chegar vários barcos. Nessa praia, é comum chegar uns barcos de passeio mesmo, aquelas lanchas que a galera faz um churrasco, dá uns mergulhos. E eles não costumam se interessar muito pela nossa tenda...

Lucas: É raro, mas quando vem gente, a gente troca uma ideia bem daora né? A galera traz umas histórias bem legais, e a gente que gosta de falar de bicho... quando começa, dá uma resenha boa

Gabi: E foi exatamente isso que aconteceu. Chegou um grupo de uns mergulhadores, aqueles de cilindro. Eles chegaram de barco, pularam lá no fundão e ficaram mergulhando. E ai foram vindo na direção da praia que a gente tava, parecia aquelas coisas de filme, dos caras saindo da água assim todos com roupa de mergulho, cinto de peso, capuz... E ai eles vieram conhecer na tenda a gente trocou a maior ideia! Eles pegaram o nosso insta e falaram que iam ajudar a gente nessa missão! Dito e feito. Quando a gente chegou no alojamento no fim do dia, já tinha mais uma notificação.

Aureliane: Boa noite, sou Aureliane mergulhadora autônoma e moradora de Ubatuba. Mergulhei hoje na praia do Sul na Ilha Anchieta e conheci o projeto da raia chita. Em seguida, mergulhamos nos costões próximo avistamos três raias chita e diversas prego! Coisa mais linda do mundo! O horário foi de 14h45 até 15h30.

Lucas: E esse relato não parou por ai não...

Aureliane: As chitas eram grandes, 1m e 1m10. Lindas demais, nunca tinha visto raia chita mergulhando na Anchieta... O local foi bem onde os voluntários do projeto se encontram, olhando da praia, é do lado esquerdo.  
salema, cara pau, papagaio, cirurgião azul, parati, frade, budião

Gabi: Elas tavam literalmente lá, na mesma praia que a gente! Debaixo daquele monte de barco, no meio daquele monte de gente, tinham 3 raias-chita!

Lucas: E ela ainda deu muita informação pra gente: o horário, a localização, o tamanho dos bichos... mano, quando será que a gente ia conseguir ver também?

Gabi: A verdade é que no fundo, no fundo, a gente não tinha pensado na possibilidade de não ver a raia. Claro, tava demorando mais do que a gente pensava, e eu tenho a tendência de ser um pouco pessimista, então às vezes ficava nessas de desacreditar. Mas lá no fundo, eu acho que a gente sabia que ia ver a bichinha. Parece que cada vez mais as coisas na Ilha acontecem por um motivo. Porque a gente tava na Ilha Anchieta. Muita gente fala que a Ilha é mágica, que ela faz coisas fantásticas... E, sabe, talvez fosse nisso que eu tivesse me apegando... Porque eu queria essa ajuda da Ilha. Eu queria que ela me ajudasse a resgatar uma pessoa do passado... eu mesma! Eu como eu era antes de eu voltar do Cerrado. No episódio passado, eu contei que eu tinha quebrado a cara com essa minha "aventura" de ir trabalhar lá no Cerrado, que eu tava frustrada com a quantidade de egos e valores tortos que eu encontrei lá, será que eu conseguiria encontrar um lugar que dialogasse com a minha visão de mundo? E pior, eu tava com vergonha... esse já era tipo o terceiro trabalho que eu desistia em dois anos... Quando eu conheci o Lucas, uma das primeiras coisas que ele me falou foi que ele gostava do jeito que eu olhava no olho de quem eu tava conversando. Bom... depois disso eu já não tinha coragem de olhar mais no olho de ninguém. E eu queria que a ilha mudasse isso. Eu tava tipo pião girando e batendo nas paredes. Eu queria que a ilha me ajudasse a achar um caminho...

Lucas: Episódio de hoje: Feras Humanas

---

Lucas: E os caras, não vão vir não?

Iara: Ah vão

Lucas: Ah vão?

Lucas: Esses somos nós no caminho pra uma trilha, às 4h10 da manhã

Yoshi: O que a gente tá levando de café da manhã?

Lucas: Eu to levando uma trakinas

Arielly: 2 bananas...

Lucas: Café? Tá levando café? Já era, temos

Gabi: A gente tava indo ver o nascer do sol na parte da ilha que fica virada pro mar aberto.

Lucas: É, e pra isso, a gente tinha que fazer uma trilha pra cruzar a ilha, ainda no completo escuro...

Gabi: Coisa que o Lucas adora

Lucas: Adoro quando eu to com alguém, porque sozinho eu me cago de medo kkk Enfim, e eu não tava com medo só porque tava escuro não, é que uma coisa que a gente não contou pra vocês é que essa ilha, apesar de ninguém morar ali, ela não é uma ilha deserta....

E justamente nessa trilha que a gente tava fazendo, a gente podia ter certeza disso. Cada um com uma lanterna, todo mundo em fila, mal tinha começado a trilha, a gente chegou nas primeiras ruínas: eram as ruínas de um antigo quartel general.

Arielly: Aqui era a base do antigo quartel, onde ficava sempre um guarda porque aqui era uma rua.

Lucas: Essa voz é da Arielly, da nossa equipe. Ela é guia e monitora ambiental, então ela manjava da história daquele lugar

Arielly: E aqui ficavam os soldados solteiros ou de folga, soldados que não tinham família na Ilha. Aí a gente vai entrar lá dentro.

Gabi: A medida que a gente ia iluminando, dava pra ver umas janelas com o vidro quebrado

Arielly: Nossa, ta bem destruído, né?

Carol: Ta bem destruído, mas acho que dá pra chegar ali na frente

Gabi: e as paredes, cheias de marca de tiro. É que a ilha Anchieta já foi um presídio!

Lucas: Logo na frente dessas ruínas, tem uma placa, mais recente, que diz assim:

Gabi: "Heróis da Ilha Anchieta

Àqueles que tombaram heroicamente em cumprimento do dever no confronto com os amotinados do Presídio da Ilha Anchieta em 20 de junho de 1952, nosso eterno respeito e gratidão"

Lucas: E aí vem os nomes de 8 militares e dois civis que trabalharam na Ilha na época. Essa placa fica em cima de uma capelinha com uma cruz e uma santa. Amotinados. Pois é, se você ta surpreso pela ilha ter sido um presídio, eu te falo que não foi só isso. Aqui também teve uma rebelião!

Lucas: A gente continuou andando pela trilha, com árvores gigantes, cipós enrolados, e o chão que tava cheio de folhas secas. Depois de um tempo, a gente chegou em um outro conjunto de ruínas. Dessa vez, era a antiga Vila Militar, onde moravam os militares que trabalhavam no presídio com as suas famílias.

Arielly: Até pouco tempo dava pra ver... parte do chão ainda era tacos né como dá pra ver, mas tá tudo sendo tão destruído, tão rápido...

Lucas: Aqui, não dá pra ver mais muita coisa. Tem algumas paredes velhas cobertas por musgo e umas rachaduras cheia de samambaias. Cheio de tijolo soltos no chão. O pouco de telhado que restava, tava rachado pela copa de uma das árvores.

Parece que a natureza da ilha fez o trabalho de derrubar essa vila militar.

Gabi: A Ilha já foi muitas coisas. Desde a invasão portuguesa ela começou a ser aprisionada, e na década de 30, ela foi feita de prisão. Era pra onde iam os presos incorrigíveis, insubordinados. E naquela época, essas palavras eram diagnósticos que os presos recebiam. Saca essa descrição da ilha, de um filme que foi feito bem nessa época:

Narrador do filme: Uma ilha de sonho. Ninguém poderia imaginar as feras que ela oculta. Nem tigres, nem leões. Feras humanas.

Gabi: "Feras humanas", era assim que os presidiários eram descritos...

A história da rebelião é bem conhecida lá na Ilha Anchieta. Inclusive, a gente ouviu de novo essa história no dia que a gente chegou aqui. E ela é mais ou menos assim:

Em 1952, chegou na Ilha um preso que todo mundo chamava de Portuga, mas o nome dele era Álvaro Farto. E ele era foda. Ele foi mandado pra Ilha porque simplesmente fugiu, cavando um túnel, da Penitenciária do estado, a prisão mais bem vigiada e controlada do país, e que hoje, a gente conhece como parte do complexo do Carandiru. Ele chegou em fevereiro, e chegando em junho já tinha conseguido arquitetar o plano da maior rebelião armada da época, e fugiu com mais de 100 presos de lá. Depois dessa rebelião, o presídio foi desativado permanentemente.

O que contam, é que o Portuga bolou um plano muito elaborado, pra elaborado pra ganhar a confiança dos militares do presídio, um plano infalível e brilhante, em que ele desbancou o sinal de fuga da ilha, ganhou a confiança dos policiais e descobriu quando que viria o barco de suprimentos, para todo mundo poder fugir.

E deu certo né, pq agora, são só ruínas. Algumas, a gente tava vendo ali na trilha. E outras, a gente via todos os dias.

Lucas: É que o nosso alojamento, onde a gente tava dormindo, era no que um dia foi a administração desse presídio. E de frente pra nossa janela, colado praticamente na gente, tava os pavilhões e as celas isoladas, exatamente onde

tinha ficado o Portuga e tantos outros presos. Na frente da nossa janela, onde ficaram todos os presos da Ilha Anchieta. Hoje, em ruínas. E depois perguntam porque eu tenho medo né... A gente dormia colado com o presídio! Imagina tipo o quanto de espírito deve ter nisso! Enfim... E a história desse presídio ia se revelando assim: à medida que a gente ia andando e explorando a ilha. Era como se aquelas ruínas tivessem alguma coisa pra contar pra gente, sabe?

---

Gabi: Agora, vamo voltar pra trilha. São quase 5h da manhã, e a gente finalmente chegou num lugar chamado Saco Grande. Nessa hora, a gente ainda não sabia, mas o Saco Grande foi um lugar importante pra rebelião do presídio. E a gente tava lá, ainda no escuro, cada um conversando com a ilha no seu jeito, totalmente alienados, olhando as ondas batendo violentamente nas pedras.

Lucas: A história do plano do Portuga, a gente já sabia. Mas quem eram as pessoas tinham ficado presas a menos de 5m de onde a gente dormia, e quem eram aquelas que moravam ali naquela vila militar? .

Gabi: A resposta pra todas essas perguntas que a gente tinha, a gente só foi descobrir depois, durante a produção do podcast, quando a gente conheceu o Dirceu:

Dirceu: Eu me chamo Dirceu Franco Ferreira sou historiador. No mestrado e no doutorado eu me especializei em história das prisões. Essa minha pesquisa em história das prisões começou com o episódio da rebelião e fuga em massa do Instituto Correccional da Ilha Anchieta em 1952

Gabi: Até aquele momento, a gente só sabia uma parte da história da rebelião da Ilha. Tem uma frase que eu gosto muito que diz assim: "quando a gente entende que não entende alguma coisa, é que a gente tá prestes a entender tudo" E conversando com o Dirceu, essa frase fez todo sentido. A gente começou a conversar sobre a rebelião, e ai ele contou pra gente que quando ele tava fazendo a pesquisa dele, ele começou a procurar os arquivos da época, mas não achava nada.

E ai, ele conseguiu uma dica preciosa:

Dirceu: Aí uma funcionária do arquivo falou pra mim "olha procura pelo nome de um dos investigados porque os inquéritos são arquivados por nome de investigados." Ai eu imediatamente eu digitei João Pereira Lima, e apareceu o inquérito

Gabi: E por incrível que pareça, João Pereira Lima não era o nome do Portuga. O Pereira Lima era um outro preso, que carrega no nome dele todo o inquérito da rebelião.

Gabi: Pois é! Depois de muitas horas de conversa, a gente entendeu que na verdade, existem duas histórias da rebelião: uma é aquela do Portuga, e a outra, essa que o Dirceu achou no nome do Pereira Lima. E naquela época, foi essa segunda versão, do Pereira Lima, que saiu na mídia. A notícia chegou até em jornais de Nova Iorque, Paris... É que o Pereira Lima já era conhecido pela mídia. Ele passou por um monte de prisões brasileiras, e em todas elas ele tinha dado um jeito de se fazer ouvido. Ele inclusive já tinha fugido antes da Ilha Anchieta, e quando ele tava lá na Casa de Detenção, o Carandiru, ele fez uma rebelião, junto com outros presos, e eles tomaram o controle do presídio, e resistiram por 9 horas! E aí provavelmente por essa fama dele, ele foi considerado o líder da rebelião da Ilha Anchieta.

Lucas: Tá, e aí quando a gente descobriu isso, ficou a pergunta "porque será que a gente nunca tinha ouvido falar dele, pelo menos não dessa forma? E por que que a gente nunca ouviu falar dessa nova versão da história?"

Gabi: É... é que essa versão que o Dirceu contou pra gente deixa muito claro que o presídio tava fadado a uma rebelião. Ele contou que tinha um monte de treta interna na diretoria, e que os presos viviam em condições horríveis. E além de tudo, os caras juntaram no mesmo presídio todos os detentos que já tinham histórico de fugir, de se rebelar... os que eles chamavam de "incuráveis", as tais "feras humanas"

Narrador do filme: "Feras humanas"

Gabi: Só que pros militares, pega mal a culpa ser do próprio presídio... Então eles se apoiaram nessa história da mente brilhante do Portuga, que inclusive morreu durante a fuga e nem pôde desmentir nada. Mas eles não tiraram isso do nada. Essa história tá num inquérito, o inquérito militar que foi conduzido por um ex-diretor do presídio, o coronel Paulo Vianna, no próprio ano da rebelião. E a história que o Dirceu conta, do Pereira Lima, tá num outro inquérito, o inquérito civil. Esse aí é um baita inquérito, demorou alguns anos pra ser finalizado, entrevistou todo mundo envolvido e tem mais de 1500 páginas!

Lucas: 1500 páginas?!

Gabi: Pois é! A história sempre depende de quem conta... e hoje em dia na Ilha, quem conta essa história são os filhos dos militares que trabalhavam lá. E eles contam a história do Portuga. Inclusive tem até um livro que um desses filhos, o tenente Samuel Messias de Oliveira escreveu, que chama "Ilha Anchieta: Rebelião, Fatos e Lendas", e ele reforça essa história do coronel Paulo Vianna, de que o Portuga foi o gênio por trás dessa rebelião..

Dirceu: Pros militares, o Portuga é importante porque ele justifica as falhas né. Não há o que fazer contra um grande gênio da raça, com um plano muito bem feito muito bem arquitetado. É, e por outro lado, pra polícia civil, transformar o João Pereira Lima na grande liderança do movimento tem uma resposta pro clamor popular. Quer

dizer, quando você transforma o João Pereira Lima em líder, né, e transforma a caçada ao líder, o João Pereira Lima só foi capturado 10 dias depois da rebelião, então a caçada ao João Pereira Lima foi transformada em uma novela cotidiana. Os jornais falavam sobre ela diariamente, a polícia civil envolveu a família do João Pereira Lima na história. As irmãs do João Pereira Lima aparecem dando entrevista nos jornais, a mãe do João Pereira Lima escreve uma carta pra ele, essa carta é reprografada e os aviões da força aérea espalham essa carta na mata atlântica, na serra do mar, pra tentar de alguma maneira convencer o João Pereira Lima a se entregar. Então, a polícia civil é muito estratégica nesse aspecto porque ela apela pro clamor popular pra captura do líder. Por que? Capturando o líder, você acalma o sentimento de insegurança. Só que isso foi feito já na época, isso não foi feito posteriormente. O João Pereira Lima ele é transformado em líder do movimento pela polícia civil durante a rebelião e fuga dos presos.

Lucas: Então a rebelião da Ilha Anchieta tem duas histórias oficiais completamente diferentes, cada uma tentando vender um peixe diferente... Mas, as duas tinham o interesse do estado... então com certeza elas não levam em conta o ponto de vista dos presos!

Gabi: E aí a gente achou a Erica

Erica: Bom, eu me chamo Erica Vieira dos Santos sou mestre em história pela Universidade Federal de São Paulo, é, a minha pesquisa de mestrado eu trabalhei sobre a figura do João Pereira Lima, que foi um preso considerado incorrigível, né, eu tentei recuperar a trajetória prisional dele, pra rememorar essa história.

Gabi: E ela contou tudo sobre a vida do Pereira Lima pra gente, dentro e fora da prisão. Parecia que ela conhecia ele pessoalmente, que ela sabia tipo os sentimentos dele.

Erica: Eu percebi que o Pereira Lima ele ia pra além disso, ele tinha uma postura muito mais de resistência, ele tinha uma postura de o rebelde mas resistente, contra a imposição da instituição com relação aos presos. Ele denuncia autoridades, ele denuncia as instituições, ele fala sobre maus tratos, ele fala sobre tortura...

Gabi: E ela falou que sabe tudo isso porque ele mesmo contou pra ela...

Lucas: Pra ela e pra muita gente. O Pereira Lima, um homem preto, presidiário, publicou os seus diários em um jornal da época. São os Diários de um Detento que que ajudam a gente a entender como era a situação desse presídio que ficava nos acompanhando onde quer que a gente estivesse na ilha.

Gabi: A gente vai ler uma parte desses diários agora. Só que antes de começar, eu queria dar um aviso de gatilho pra vocês...

Lucas: Os relatos do Pereira Lima falam sobre tortura, então se você quiser pular essa parte, é só pular pro minuto 26'17".



Gabi: Mas a gente acha importante todo mundo saber o que acontecia nessa Ilha, nos lugares que a gente frequenta hoje tão alienadamente... Então agora, com vocês, uma voz quase que completamente abafada, mas que resistiu ao longo do tempo e fez questão de denunciar a polícia, os militares e as prisões: João Pereira Lima

Pereira Lima: Entre meus companheiros existia um de nome Vila, que, devido aos constantes maus tratos e à escassez de alimentação, tornou-se tuberculoso. Nem por isso foi contemplado com um trabalho mais leve, continuando a trabalhar na mata. Certo dia, não resistindo à fome que o atormentava, quando se dirigia para sua tarefa diária, impensadamente deixou a formatura, para apanhar uma frutinhas de abricó, das árvores que margeavam a picada. Esse ato foi o suficiente para que o sargento Justino, que o tinha sob sua guarda, fizesse fogo com o seu *Colt* sobre o infeliz, tendo a bala lhe trespassado um dos pulmões já contaminado pela doença, alojando-se em seu peito. A seguir foi Vila transportado para um dos prédios externos que servia de hospital e jogado sobre um catre, sem mesmo ser medicado, pois na ocasião não existia ali nenhum médico. Dias depois, Vila faleceu, em meio a cruéis padecimentos. Para justificar mais esse assassinato o sargento criminoso alegou que o morto havia tentado uma fuga. Isso não seria de estranhar se as condições do doente fossem satisfatórias e a situação geográfica da ilha o permitisse; porém, esses dois fatores atestam que uma tentativa de evasão era impossível e representava verdadeiro suicídio. Apesar disso, foram aceitas e justificadas as alegações do policial assassino, que por seu gesto covarde talvez tenha sido alvo de um elogio e não da severa punição que o fato exigia. As solenidades que precederam o sepultamento de mais essa vítima fizeram brotar sentidas lágrimas nos olhos de seus companheiros, mesmo os que já tinham o coração endurecido pelos sofrimentos. Após a chegada do corpo a sepultura, foi dado o toque fúnebre pelo corneteiro da guarda militar, e o "capitão" Sadi, diretor na época, em breve alocução, fez sentir aos prisioneiros que de fato ali estavam para morrer aos poucos.

Gabi: E o que a gente menos esperava, é que nos diários do Pereira Lima, ele também relatou um história que em partes aconteceu aqui, onde a gente tava, no Saco Grande.

Pereira Lima: Passados alguns dias, outro preso chamado Machado foi atirado para o "quadrado", pátio central dos pavilhões, que também servia de palco aos suplício dos sentenciados, e ali retalhado a golpes de açoite. Quando suas costas se transformaram em uma chaga viva, aplicaram-lhe uma bordoadada na cabeça, desferida por um policial carrasco, e ali foi deixado sem sentidos, durante horas, para que os cães do presídio lambessem o sangue que teimava em brotar das feridas abertas. Quando os animais terminaram a sinistra tarefa, foi o cativo sorrateiramente carregado por quatro truculentos policiais, até um despenhadeiro chamado Saco Grande, e dali atirado ao mar. Porém não notaram os executores dessa empreitada, que o gorro de nosso companheiro ficara caído próximo ao

abismo, junto a um rochedo, como a nos prevenir contra as atrocidades de Sadi e seus asseclas. Mais um companheiro tragicamente desaparecido. A direção do presídio, porém, alegou à esposa de Machado, que viera visitá-lo dias depois, que o preso havia se evadido.”

Gabi: Os diários do pereira lima vão ficar no nosso site pra você ler depois. Lá ele fala também sobre a superlotação do presídio, a fome que os presidiários passavam, e detalhes de como a rebelião aconteceu. E esses detalhes, vão de encontro com uma coisa que o Dirceu falou pra gente: apesar do Pereira Lima e do Portuga terem sido escolhidos... a rebelião da Ilha Anchieta não teve líderes! Ela era praticamente inevitável

Dirceu: Basta vocês juntarem as informações. Vocês trazem do continente presos talhados, né experientes em fugas, rebeliões, etc, né, colocam eles numa comunidade que depende absolutamente do trabalho deles. Então assim, muito conscientes da rotina do presídio, muito conscientes, esses presos estabeleceram um plano de rebelião e fuga.

Gabi: E não são só os relatos do Pereira Lima que nos mostram as torturas que aconteceram na Ilha. No inquérito civil, muitos presos relataram cenas assim. Inclusive, tinha um preso que recebeu um apelido justamente graças às torturas. O apelido dele era China Show. China, porque ele tinha ascendência indígena, e as pessoas achavam que ele era chinês, e "Show" era por causa das torturas que ele sofria. Ele gritava tanto, que os policiais falavam que ele tava "dando um show".

Lucas: Isso quem disse pra gente foi o Dirceu, o historiador que a gente entrevistou. Porque segundo o livro do tenente Samuel, ele diz o seguinte: “[China Show] era dotado de grande resistência física e gostava de se exhibir, provocando os policiais de serviço nos presídios por onde passara. Ao ser castigado fisicamente, gostava de demonstrar sua famosa resistência física e fortaleza de ânimo dando um verdadeiro Show.”

Lucas: Po, isso daí é mais um exemplo dessas "versões diferentes" dessa história. Mas é aquela velha história de coisas que não dá pra comparar. Uma das versões é estudada e analisada por historiadores, e a outra é uma narrativa criada por militares, que dá a entender que os cara gostava de ser torturado. Quem gosta de ser torturado né gente, pelo amor de deus né? A gente não sabe quantos presos foram torturados e assassinados na Ilha. Mas pelos relatos do Pereira Lima, foram muitos. E o Dirceu falou uma coisa que a gente concorda:

Dirceu:A Ilha é um espaço de muitas memórias, não é um espaço só da memória militar. Ela é um espaço da memória indígena, um espaço da memória caiçara né, ela um espaço da memória dos presos que passaram por ali...

Gabi: A gente espera que com essa história, a memória dos presos possa ter mais espaço na Ilha Anchieta.

Lucas: E essa história também ajuda a gente entender que realmente a rebelião era inevitável. Pensa, um presídio com superlotação, presos em condições precárias, e uma administração desorganizada e extremamente violenta... tipo, não precisava de um grande líder pra acontecer essa rebelião, era só questão de tempo.

Dirceu: Muitas vezes perguntam "ah, a rebelião na Ilha Anchieta foi bem sucedida, não foi bem sucedida?"

Eu digo que ela foi um sucesso absoluto, foi um sucesso absoluto porque do meu ponto de vista, essa rebelião foi planejada pra destruição desse presídio. Não pra destruição total das estruturas do presídio, mas pra produzir um impacto político tal que não haveria outra alternativa a não ser fechar esse presídio.

Gabi: E essa rebelião, de certa forma, acabou libertando um pouco mais a Ilha. Foi muito bom a gente conseguir descobrir essa história, a gente ter ido mais a fundo. Porque senão a gente ia sair de lá sem conhecer o lugar que a gente tava. A gente inclusive descobriu que na época do presídio, tinha muita pesca em volta da ilha, inclusive de tubarão e raia... Quem sabe não é por isso que a gente tava pensando tanto em achar a raia-chita....

Conhecer um lugar, faz você se conectar com ele, e eu acho que isso é uma coisa que é importante pra mim, e que eu não tinha encontrado no Cerrado. Conhecer a história da ilha com certeza me ajudou a não desistir, a querer ficar, e a querer cavar mais fundo essas histórias. Talvez a minha inquietação seja uma busca por significados nos lugares que eu estou, uma busca por pertencimento...

Lucas: Ó, calma que a nossa história ainda não acabou hoje, mas a gente tem um recado rápido pra te dar:

Pâmela: Quando você pensa em Caatinga, o que vem à tua cabeça?

Caatinga é uma palavra que vem do tupi-guarani. "Ka'a" significa vegetação ou floresta. E "tinga", significa branco, ou claro. Talvez, a imagem de uma paisagem seca e cinza é a primeira coisa que passa por aí... Mas antes disso, tem uma palavra muito importante que resume bem o que é a Caatinga: floresta!

No Caatingueira, a gente vai entrar nessa floresta, encontrar histórias de mulheres que conhecem o bioma com a palma da mão, usam seus conhecimentos pra cuidar da saúde de comunidades inteiras, e vamos saber também como a ciência entende tudo isso.

Esse é o Caatingueira, um podcast de ciência, sobre biomas, mulheres e saberes populares. Então, nos acompanhe a partir do dia primeiro de julho, sempre às segundas em todas as plataformas de áudio.

---

Lucas: Tava na hora de ir a fundo pra achar a raia também. E pra nossa sorte, isso tava vindo naturalmente, conforme a gente ia se conectando com aquela ilha.

Gabi: Era impressionante o quanto a gente tava conhecendo de cada praia, de cada costão. Tipo, só de olhar os vídeos, debaixo da água mesmo, a gente já sabia que praia que era. E aí a gente começou a falar coisas absurdas tipo "Lucas, sabe aquela pedra lá meio grandinha perto daquela que sai pra fora da água?"

Lucas: Aí eu falava "sim, claro, tô ligado, que que tem ela?"

Gabi: E essa familiaridade dava pra gente uma capacidade de começar a olhar além do que tava sempre lá. E aí a gente começou a fazer umas hipóteses mais elaboradas. Tipo a gente se perguntava se um dia nublado tinha relação com quais peixes a gente encontrava, ou se a direção do vento influenciava o número de raias que aparecia. Cada dia entrava mais coisa, cada dia uma nova conexão.

Lucas: E uma das hipóteses que a gente criou na nossa cabeça, depois de ouvir alguns relatos de visitantes que vinham falar com a gente na praia, foi de que a raia-chita gostava de ficar perto das bóias. Lá na Ilha tem umas bóias que são umas bolas redonda bem grande, que delimita a área que os visitantes podem nadar, a área de banho. E o outro lado das bóias é o lado que os barcos podem chegar perto das praias. Elas ficam presas lá no fundo do mar, e ficam boiando, como se fosse sei lá, uma calçada do mar. E por isso, começa a crescer uns bichos, umas algas em cima das bóias. E aí a nossa hipótese é que as raias-chita gostavam de visitar essas bóias pra se alimentar de algum animal que tivesse crescido ali naquele mini ecossistema.

Gabi: As outras hipótese, a gente não sabe se estavam certas... Mas, no dia 16, a hipótese das bóias chegou no auge quando eu e a Arielly a gente tava no barco indo pra praia do Sul. No meio do caminho, a gente viu uma dessas bóias, que tava solta, tinha se soltado e tava à deriva. E aí o motorista do barco decidiu passar perto pra gente resgatar a bóia. E aí eu fui lá, me posicionei assim do ladinho do barco, pra quando ele passasse perto, eu agarrar a bóia e trazer pra dentro. Só que chegando perto, ele viu: a chita! Ela tava lá, do ladinho da bóia! Ele gritou e a Arielly veio pro meu lado, pra ver a raia, e viu também!

Arielly: Ela era perfeita, sei lá, ela era mto grande, não acredito!  
Meu coração parou e eu pensei que eu podia mergulhar, mas eu fiquei com medo de assustar ela...

Lucas: A primeira raia chita do nosso grupo! E ainda mostrando que a nossa hipótese tava certa, a gente tava caminhando! Né Gabi?

Gabi: É! Só que eu não vi...

Lucas: Pois é...

Gabi: Como eu tava posicionada ali pra pegar a bóia, ela acabou bloqueando a minha visão, e eu não consegui achar a chita. E quando ela viu a gente, ela também já nadou pro fundo e desapareceu.

Mas agora a gente tinha certeza: ela tava lá. Era só uma questão de tempo até a gente conseguir encontrar os sinais de vida da raia-chita.

---

Lucas: E no próximo episódio a gente vai contar a história de um lugar que a gente ainda não te mostrou: o cemitério da ilha.

Gabi: E eu preciso falar que a gente vai desbloquear mais um medo do Lucas?

Lucas: Porra cemitério, quem não tem medo de cemitério?

Gabi: No nosso site tem conteúdo extra sobre as pesquisas que a gente fez sobre a rebelião e a vida do Pereira Lima. Com todos os documentos que a gente usou pra entender essa história, e isso inclui jornais da época, fotos do presídio e dos presidiários e 17 páginas do Diário do João Pereira Lima. Sério vale muito a pena ler. O site é [sinaldevidapodcast.com.br](http://sinaldevidapodcast.com.br)

E não esquece de seguir a gente nas redes sociais: [@sinaldevidapodcast](https://www.instagram.com/sinaldevidapodcast)

Lucas: Ah, e um pedido importante! Se você ta gostando do Sinal de Vida, não esquece de ir no spotify, e se inscrever, e avaliar o nosso podcast, com 5 estrelas, claro! Isso ajuda muito a gente a ser ouvido por mais pessoas.

Gabi: O Sinal de Vida é um podcast do Alô, Ciência?, com o apoio do Instituto Serrapilheira, que fomenta a pesquisa e a divulgação científica do Brasil

Lucas: Quem fez a pesquisa, roteiro, produção e narração fomos nós, Gabi Longo, e Lucas Andrade

Gabi: E a arte do episódio, foi do Lucas Andrade.

Lucas: A voz do Pereira Lima foi feita pelo Jorge Lucas Maia, que gravou no Brand Studios, e a voz da mergulhadora é da Amanda Guedes

Gabi: Esse projeto contou com a mentoria da Natalia Silva.

Lucas: A trilha sonora original e mixagem é do Amon Medrado

Gabi: A edição de som...

Lucas: fomos nós, Gabi Longo e Lucas Andrade

Gabi: A identidade visual é do Breno Ferreira

Lucas: a divulgação e redes sociais é da Amanda Guedes

Gabi: O desenvolvimento do site foi feito pelo Estúdio Amar

Lucas: Agradecimentos especiais pro Dirceu Franco Ferreira, Erica Vieira dos Santos e Leandro Cruz e Santiago Bernardes, que ajudaram a gente na pesquisa

Gabi: É isso gente, tchau, até o próximo episódio!

Lucas: Forte abraço, tamo junto, beijo!

Gabi: Falou!